

Daniel Alonso de Araujo

*Vida de São Gregório,
O Iluminador da Armênia*



Exarcado Apostólico Armênio da América Latina

2020

Daniel Alonso de Araujo

Vida de São Gregório, O Iluminador da Armênia

História da Conversão do
Reino da Armênia Oriental
ao Cristianismo

Edição digital

Exarcado Apostólico Armênio da América Latina

2020

*Dedico a presente obra
a todos os católicos armênios de São Paulo,
sobre o seu santo Patrono e
de sua Catedral de São Gregório, o Iluminador*

SUMÁRIO

Prefácio.....	5
Capítulo I: Os Primórdios	8
Capítulo II: O Encontro de São Gregório e do Rei Tirídates III.....	14
Capítulo III: O Martírio das Santas Protomártires da Armênia	19
Capítulo IV: A Conversão dos Armênios	25
Capítulo V: Consumação, Lendas e Tradições	31
Ilustração de Santa Ashkhen, Rainha da Armênia	33
Ilustração de Santa Khosrovidukht, Princesa da Armênia	34
Bibliografia.....	35

PREFÁCIO¹

São Gregório, o Iluminador, e o Rei Tirídates III são figuras transcendententes na história armênia. Graças a eles o povo armênio se fez cristão, total e definitivamente. Assim o cristianismo imprime um novo rumo à vida política, social e cultural dos armênios. Gregório, educado na Capadócia grega, Tirídates, formado em Roma e protegido do Imperador Diocleciano, darão à Armênia uma orientação clara do mundo greco-romano.

No campo social, a nova religião é força fundamental que guia a vida familiar, a educação, os costumes e a vida moral do povo; a Igreja é inseparável da vida quotidiana de seus fiéis, é sua protetora, sua dirigente, sua educadora. As virtudes cristãs da piedade e da caridade são o principal adorno da mulher e do homem armênios. É em seu país que aparecem os primeiros hospitais. A literatura e as artes são de inspiração genuinamente cristãs. Membros da família Mamikonyan, Vartan, Vahan e o sacerdote Ghevont (Leôncio) são os antecessores e símbolos de todos aqueles que, através dos séculos, lutam para assegurar à sua pátria a liberdade de viver a sua fé cristã.

Há cristãos na Armênia antes de São Gregório, o Iluminador. Missionários do Leste e do Sul vem para evangelizar a Armênia. Segundo uma tradição venerável, os Apóstolos Tadeu e Bartolomeu pregam na Armênia e ali são martirizados. O historiador Eusébio de Cesareia nos fala desses núcleos cristãos armênios. Cita um bispo Armênio chamado Meruzanes. Porém, essas comunidades, vivendo e atuando na clandestinidade, não tem maior importância na vida da Armênia.

Com a conversão de Tirídates e a ação apostólica de Gregório, o cristianismo se transforma em religião de Estado e atua em plena luz. O próprio Rei, secundado por sua irmã Khosrovidukht e a Rainha Ashkhen, desenvolve um apostolado intenso e valioso para converter seu povo ao cristianismo. Seguindo o exemplo dado pelo Rei, diz-nos o historiador Agatângelo, são levados ao batismo os *nakharark'* (senhores provinciais) com todos os seus súditos.

¹ TEKEYAN, Mons. Dr. Pascual, "Prefácio", in: KETCHEDJIAN, Rafael. *San Gregorio, el Iluminador de los Armenios*. Montevideo, 1982.

Torna-se difícil crer que as massas aceitaram o cristianismo sem apresentar resistência e que toda a nobreza fosse sincera em sua conversão. Nem os nobres, nem o povo estavam preparados para uma mudança tão radical, nem dispostos à renunciar a vida pagã, a seus caros deuses, como Aramazd, Anahit, Asdjik e tantas outras divindades complacentes a fim de adorar um novo Deus, ciumento, o qual não admite nenhuma outra divindade, que exige de seus fiéis uma vida santa, uma vida sacrificada, que manda amar os inimigos e perdoar as ofensas. A classe sacerdotal pagã é poderosa, dona de imensas propriedades, com milhares de servos a seu serviços, apoiada pelo Império persa protetor da religião masdeísta.

Nem o exemplo dado pelo Rei, nem sua autoridade real são motivos suficientes para impor a nova religião, se não mediasse a personalidade avassaladora de Gregório, com sua grande santidade. O homem de Deus, movido por sua sabedoria e seu amor ao povo, usa de sua prudência. Enquanto os homens a mando do Rei destroem os templos pagãos e erguem igrejas cristãs, Gregório distribui aos operários e pobres as riquezas dos templos e cede aos camponeses parte das terras pertencentes ao culto pagão. Sem essas medidas, não chegariam a frear o furor dos mais exaltados, abrem os olhos dos demais para descobrir virtudes desconhecidas na nova religião: caridade, justiça social e novas relações humanas que enobrecem as pessoas.

Os primeiros historiadores armênios exaltam a obra e as virtudes de Gregório. Agatângelo recolhe seus ensinamentos e relata a história da conversão da Armênia e as obras maravilhosas de seu herói. O povo armênio capta tão genuinamente a mensagem de seu Apóstolo que lhe dá o epíteto de *Lussavoritch*, “o Iluminador”. E quando o Império russo exigiu da Igreja Armênia um nome específico, chamou-a de *Lussavortchakan Yekeghetsi*, isto é, “Igreja Iluminadora”, que, no Ocidente, soou “Igreja gregoriana”.

Em um estilo ameno, o autor quer penetrar no significado profundo da vida e obra do Apóstolo da Armênia. Ele segue seus passos através das antigas fontes, da reflexão dos historiadores e dos filólogos, mostrando assim que São Gregório, o Iluminador, é mais do que alguém que buscou isoladamente a Deus. Ao ler essas páginas, não somente para conhecer a história cativante do Iluminador, em sua versão tradicional, mas com piedade, admirando as maravilhas que Deus realiza em favor do povo armênio por meio de seu Confessor Gregório.

O grande Pascal invocava o “Deus de Abraão, Isaac e Jacó e não o Deus dos filósofos”, querendo com isso dizer: o Deus de amor, amigo do ser humano, o Deus Salvador e não o Deus Primeiro Motor ou Causa das Causas. O mesmo digo eu de São Gregório, o Iluminador: Não o Gregório submetido em sua vida e em sua obra ao bisturi da crítica dos eruditos, mas o Gregório que converte ao Cristianismo o povo armênio, o Gregório venerado e amado com devoção por seu povo ao longo de toda sua história. É isso que quer fazer o autor deste texto.

Mons. Dr. Pascual Tekeyan

CAPÍTULO I: OS PRIMÓRDIOS

O Senhor disse, certa vez, na presença de seus discípulos, que a “vida eterna”, isto é, a vida imperecível, “consiste nisto: que Vos conheçam, o Deus único e verdadeiro, e aquele que enviastes, Jesus Cristo” (Jo 17, 3). O conhecimento é a luz do espírito a qual dispersa as trevas da ignorância. No entanto, o conhecimento que o Senhor diz é algo experiencial, é uma graça divina transfiguradora que faz do fiel participante da natureza divina (2Pd 1, 4), ou seja, da “vida eterna”. Que ensina a verdade a fim de dissipar o erro e recria o homem fazendo-o uma nova criatura em íntima comunhão com o Espírito Santo.

São Gregório, o Iluminador, é aquele mensageiro do Logos Divino, o candelabro do Espírito Santo que possibilitou que essa Luz celeste resplandecesse entre os armênios. Por essa razão, foi chamado de “Iluminador”. Os antigos cristãos, e ainda hoje os cristãos de tradição oriental, chamam de “iluminação” os sagrados ritos de iniciação cristã: o exorcismo contra as potências das trevas, a confissão de fé, o mergulho batismal, a crismação no Espírito Santo e a comunhão nos santos mistérios eucarísticos. É sobretudo nesse sentido que São Gregório se constituiu como o “Iluminador da Armênia”, aquele que iluminou o Reino da Grande Armênia com a luz e a graça de Cristo.

Por isso, não é sem razão que a Divina Liturgia (Missas), segundo a tradição armênia, quando é pontificalmente presidida pelo Bispo, inicia com o canto processional (introito) que comemora a salvação dos armênios comunicada por meio de São Gregório:

Ó Deus glorioso e sempre providente, que nos outorgastes a salvação da Armênia na pessoa do Iluminador, oriundo dos partas; por sua intercessão, Senhor, concedei-nos a salvação, agora e no dia da vossa vinda gloriosa.

O mais antigo relato que chegou até nós sobre a vida de São Gregório Partev intitula-se *História dos Armênios*. Convém notar que, na linguagem eclesiástica daquele tempo, o termo *história* possuía o sentido de “relato”, “narração”, e seu uso provinha da tradição litúrgica que chamava de *história* os textos lidos durante a liturgia do Ofício das

Vigílias Noturnas nos mosteiros². Era um equivalente ao termo *legenda*, usado na Igreja do Ocidente, que, em latim, significa “para ser lido” (durante a liturgia). Sendo assim, o título da obra poderia ser entendido como “Relato do que aconteceu com os armênios”, ou, numa tradução mais livre, mas não menos exata, “História da Conversão dos Armênios”. Numa versão grega desta obra, intitula-se *História e Vida de São Gregório*, o que poderia muito bem ser traduzido por *Legenda de São Gregório*.³

Sendo assim, queremos concluir que a vida de São Gregório Partev não está isolada, mas constitui um momento chave na história da nação armênia. Sua vida não consiste somente numa vida privada de um santo, de uma alma em busca da graça e santidade, como pode ocorrer na vida de tantos outros santos, mas sua vida está intimamente vinculada com a história nacional dos armênios, sua vida é uma vida pública, é uma vida de um santo público, porquanto foi ele quem lançou as bases para a construção de uma nação cristã. Não é exagero afirmar que São Gregório é o Pai da nação armênia. Jesus afirmara: “Mas eu vos digo que virão muitos do Oriente e do Ocidente e se reclinarão no banquete com Abraão, Isaac e Jacó no Reino dos Céus” (Mt 8, 11). São Gregório, o Iluminador, fez que os armênios participassem desse banquete e se constituíssem em outros tantos filhos de Abraão em Cristo.

Se, com o cristianismo, os armênios assumiram uma identidade nacional que os distinguisse de outras nações, tornando-os coesos e impermeáveis a qualquer absorção por outra grande nação, subsistindo ao longo dos séculos, fazendo de sua língua popular uma língua de cultura, criando um alfabeto próprio e, quando dispersos pelo mundo, sem Estado e nem monarca, tiveram na Igreja o seu único vínculo social, mais do que uma Igreja nacional, uma nação-Igreja, isso se deveu a São Gregório Partev que estabeleceu as estruturas da Igreja no Reino da Grande Armênia, fazendo do povo, cidadãos do Reino.

O canto inicial da liturgia supracitado afirma que São Gregório é oriundo dos partas (em armênio antigo պարթեւական – *parthevakan*). Estes consistiam num povo iraniano que, desde o séc. III a.C., dominaram toda a Ásia central, o Antigo Irã, criando um Império sob a dinastia dos Arsácidas. Sua mãe, Oguhi, era uma princesa arsácida e seu pai, o Príncipe Anak Pahlavi, era membro da família Surena, um dos sete ramos dos Arsácidas e que reinava numa região oriental (sudeste) do antigo Irã chamada Sakastan

² LECLERCQ, J. *O amor às letras e o desejo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 193.

³ Doravante citaremos essa obra com o nome de *Legenda de São Gregório*.

Durante uma caçada organizada pelo Rei Khosrov nos bosques reais com seus nobres e damas, Anak assassina o monarca com uma punhalada no coração e, em seguida, assassina também a Rainha. Em sua fuga, é perseguido pelos nobres e acaba por ser ferido, caindo no Rio Araxes onde morre afogado.

Em represália, são exterminados todos os familiares de Anak, escapando somente o seu filho ainda menino. A criança e sua ama conseguem fugir à Cesareia da Capadócia, região vizinha a oeste da Armênia (vide o mapa acima), auxiliados pelo casal Sofia e Yevtal, ela cristã e ele de origem iraniana, os quais já conheciam o menino desde que nascera e estavam de passagem pela Armênia. Esses eventos trágicos ocorreram cerca do ano 287 da era cristã. Eram tempos de grandes mudanças estruturais no Império Romano sob o novo Imperador Diocleciano.

Em consequência disso, a Armênia se enfraquece politicamente e acaba por sucumbir à dominação persa. A fim de proteger o jovem príncipe real das investidas dos Sassânidas, alguns nobres escoltam-no apressadamente à Nicomédia, então capital oriental do Império Romano, ficando sob custódia do conde palatino Gaio Valério Licínio, futuro imperador. Era comum que jovens nobres de países aliados dos romanos permanecessem como reféns a fim de garantir a fidelidade dos mesmos. Esses jovens recebiam formação militar e educação literária grega e latina com o intuito de, no futuro, servirem de intermediários da influência romana em seus países de origem.

A jovem princesa, filha do Rei Khosrov, chamada Khosrovidukht (que significa “filha de Khosrov”), por sua vez, escapa para o castelo de Ani e, em seguida, é enviada a Cesareia da Capadócia, que é uma grande metrópole imperial e eclesiástica na região. Lá é acolhida por uma família principesca de origem armênia, o casal Awtay Amatunik e sua esposa da família Sâlkunik.

Por sua vez, o filho de Anak é adotado por um casal sob a tutela do irmão dela, Sofia, Eutálio, um abastado cristão de Cesareia. Batizaram-no com o nome de Gregório, em honra do santo bispo de Neocesareia do Ponto, São Gregório, o Taumaturgo, grande evangelizador de toda a região, cujos anos de sua vida foram aproximadamente de 213 a 270. Desse modo, São Gregório foi educado na fé cristã, no cultivo das Sagradas Escrituras e nas práticas das virtudes. Quando chegou à idade madura, Gregório casou-se com uma virtuosa jovem da alta aristocracia de Cesareia, uma família profundamente cristã, cujo nome as fontes não concordam: Myriam ou Julita. Foi um casamento feliz do

qual nasceram-lhe dois filhos: Vârtanês e Aristakes.

Convém recordar que, embora o cristianismo fosse considerado uma religião ilícita pelos romanos, ele estava bem disseminado pelas províncias orientais do Império, de tal modo que, em muitas regiões, era já majoritário. Cesareia da Capadócia era um dos grandes centros do cristianismo romano-oriental e sua sede episcopal exercia uma alta autoridade sob boa parte da Anatólia oriental.⁸ Por isso, não é absurdo que os tutores da princesa real fossem cristãos, porquanto a Igreja da província da Armênia Menor estava fortemente estabelecida. Desse modo, há fortes indícios que nos dá a certeza de que a princesa foi em algum momento batizada e educada no cristianismo. Sendo assim, o encontro entre Gregório e Khosrovidukht foi inevitável.⁹

⁸ STIERNON, D. “Cesare ad Cappadocia”, in: DI BERARDINO (org.), *Nuovo Dizionario Patristico e Di Antichità Cristiana*, Genova-Milano: Casa Editrice Marietti S.p.A., 2006, p. 992-993.

⁹ Cf. DODGEON, M. H. e LIEU, S. N. C. *The Roman Eastern Frontier and the Persian Wars (Part I, 226-363 A.D.)*. Londres: Routledge, 2002, p. 266; 270-271.

CAPÍTULO II: O ENCONTRO DE SÃO GREGÓRIO E DO REI TIRÍDATES

Enquanto Gregório vivia numa vida tranquila em Cesareia, um revés político afeta as já tensas relações entre romanos e persas. Após uma grande batalha, Diocleciano derrota os exércitos do novo monarca iraniano, o Xá Narsês (A.D. 293-302), que vê o seu poder enfraquecido. Desse modo, os romanos impõe um tratado de paz em A.D. 298, obrigando Narsês a reconhecer a supremacia romana sobre todos os territórios fronteiriços, incluindo a Armênia. Nesse momento, o Imperador decide restaurar o Reino da Grande Armênia, reestabelecendo a dinastia Archakuni com a entronização do jovem príncipe, filho de Khosrov I, coroando-o como Rei Tirídates III (A.D. 298-330), agora como reino cliente do Império Romano.

O jovem monarca armênio é conduzido em cortejo à Armênia a fim de ser entronado pelos romanos. No caminho, passa por Cesareia a fim de encontrar-se com sua irmã para levá-la consigo de volta a Armênia. Nessas circunstâncias, Gregório sofre uma grande surpresa acerca de sua identidade: sua tutora, Sofia, conclui que é o momento de revelar toda a verdade sobre seu passado, bem como de Khosrovidukht e do Rei Tirídates, até então desconhecida. Gregório medita profundamente sobre essa desconcertante descoberta e toma uma grave decisão: voltar a Armênia a fim de expiar os crimes de seu pai e, com a graça de Deus, conquistá-lo para a fé de Cristo.

O encontro de Gregório com o Rei Tirídates, certamente proporcionado por Khosrovidukht, foi bem sucedido, de modo que se cria uma mútua simpatia entre ambos, levando o jovem monarca e empregá-lo aos seus serviços na corte. Mais uma vez inspirando-se nas Sagradas Escrituras, as composições hagiográficas descrevem a relação de amizade e de confiança entre Tirídates e Gregório tomando como modelo as narrativas de Jônatas e Davi, o Faraó e José, Nabucodonosor e Daniel. Outro ponto a se notar é que essa mútua afeição tem o sentido expiatório e reconciliatório em relação aos pais de ambos. A Armênia cristã começa a ser gestada a partir dessa reconciliação geracional, embora ainda não consumada, mas iniciada.

Quanto à esposa e filhos de São Gregório, as fontes hagiográficas mais uma vez não são concordantes: umas afirmam que Gregório foi acompanhado por sua esposa, outras que ela teria se conservado em Cesareia e entrado para um mosteiro com os filhos.

São poucos também os detalhes acerca do casamento do Rei Tirídates. Contudo, sabe-se que foi ainda nessa época que fizera aliança com os alanos, contratando um casamento com a Princesa Ashkhen, filha do Rei Ashkhadar a fim de fortalecer as relações entre os reinos no Cáucaso. A nova Rainha é atraída ao cristianismo, sem dúvida por sua cunhada e por São Gregório. Essa comunhão de fé foi oportuna para se criarem laços entre Khosrovidukht, Ashkhen e Gregório.¹⁰

Não há dúvida que Gregório manteve no máximo segredo a sua verdadeira identidade e sua profissão de fé, porquanto tinha plena consciência de que sua situação era extremamente delicada e poderia lhe custar a vida. Gregório se converteu num verdadeiro conselheiro pessoal de monarca. Como um outro José junto ao Faraó do Egito, a habilidade administrativa de Gregório conquista a confiança do Rei, mas, ao mesmo tempo, como outrora a Daniel, provoca a inveja dos demais cortesãos, os quais buscam uma ocasião oportuna para se verem livres dele. Não há dúvida que seu peculiar modo de ser atraía a atenção de todos. Embora não seja revelado sua fé cristã, não é despercebida sua postura um tanto distinta e sua conduta ética.

Mas não só isso, além da desconfiança acerca de sua fé, surgiu rumores a respeito de sua ascendência e verdadeira identidade. Isso, unido à inveja de muitos na corte, deu início a um verdadeiro complô de seus inimigos. A ocasião se tornou propícia quando chegou a época dos solenes festivais em honra à deusa Anahit, uma divindade iraniana associada à Ártemis dos gregos (outros a associam a Afrodite). Anahit é muito popular entre os armênios e por quem eles dedicam sua especial afeição. Ela não é somente considerada doadora da vida, fertilidade e proteção, mas a benfeitora de toda a natureza humana e venerada como a Grande-Mãe¹¹. As famílias mais proeminentes da sociedade armênia costumavam consagrar suas filhas aos templos dedicados à deusa, onde as moças eram inicialmente prostituídas nos ritos sagrados e posteriormente eram dadas em casamento. Havia no templo a ela dedicado na cidade de Erez uma grande estátua da deusa feita inteiramente de ouro puro. Anualmente, na estação da primavera, período simbólico da fecundidade da natureza, o monarca com toda a corte se dirigia a Erez fim de oferecer sacrifícios e oferendas à grande deusa. Gregório costumava se abster de

¹⁰ KURKJIAN, V. M. *A History of Armenia*. Los Angeles: Indo-European Publishing, 2008, p. 96.

¹¹ Ainda hoje, no dia de Anahit, 7 de abril, na Armênia, comemora-se o dia das mães.

participar desses eventos. No entanto, esse foi momento no qual os seus inimigos pensam em desmascará-lo.

Os relatos hagiográficos descrevem a situação com elementos retirados livremente do *Livro de Daniel*, a fim de dar uma coloração e um sentido teológico aos eventos ocorridos com São Gregório. A analogia se faz particularmente com o relato dos três jovens que rejeitam cultuar a imagem de Nabucodonosor (Dn 3, 1-23). A fim de testar a fidelidade de Gregório, convencem o monarca a obrigá-lo a participar das oferendas à Anahit.

É então que Gregório, não podendo mais se esquivar, refuta corajosamente o culto idolátrico. Inflamado de ira, Tirídates ordena submetê-lo a horríveis torturas conforme os costumes da época, durante as quais é revelada a verdadeira identidade de Gregório, como filho do príncipe Anak, assassino de Khosrov, pai do Rei Tirídates, trazendo a todos grande estupefação.

Gregório é então duplamente considerado traidor e condenado a ser lançado em *Khor Virap*, num “fosso profundo”, um lugar próximo à cidade de Artaxat, nas redondezas do Monte Ararat, reservado à condenação dos grandes criminosos. O acontecimento é totalmente plausível e em conformidade com os costumes da época, ainda que sua narrativa se faz a partir de modelos bíblicos como *Daniel na cova dos leões*.

Uma versão grega da *Legenda de São Gregório* contém uma missiva do Rei Tirídates dirigida ao seu protetor, o Imperador Diocleciano, anunciando a condenação do cristão Gregório. Seu conteúdo, pouco edificante e impróprio para um *legenda*, é considerada autêntica pelos historiadores. Sendo assim, torna-se fácil a datação histórica da prisão de São Gregório, cerca dos anos 303/304, em meio à perseguição anticristã dos romanos e antes da abdicação de Diocleciano (A.D. 305).¹²

As fontes acrescentam ainda que Tirídates publicou um decreto acerca do culto dos deuses e de condenação aos cristãos, os quais não deveriam ser tolerados na Armênia, alinhando-se mais uma vez à política do Império Romano. Aquelas fontes que dizem ter a esposa de Gregório o acompanhado à Armênia afirmam que, neste momento, ela foge para Cesareia e se recolhe a um mosteiro com os filhos.

¹² PIETRI, “La Nuova Geografia: A. L’Oriente: L’Armenia”, in: AAVV. *Storia del Cristianesimo II: La nascita di una cristianità (250-430)*. Città Nuova, 2000, p. 122.

Acerca da permanência de São Gregório em *Khor Virap*, a *Legenda de São Gregório* faz a seguinte descrição, enfatizando a ação providencial de Deus:

No decorrer dos treze anos nos quais Gregório esteve na masmorra da fortaleza, no fosso profundo, uma viúva que habitava naquele castelo recebeu num sonho uma ordem para preparar diariamente um pão e lançá-lo dentro do fosso profundo. Desse modo, Gregório alimentou-se, segundo a ordem de Deus, durante os anos que esteve ali e, naquele fosso, onde se lhe lançaram os pães, permaneceu vivo pela graça de seu Senhor. Porém, outros homens, uma vez abandonados naquele lugar, pereceram todos em razão do ar atrozmente perigoso do lugar, do imenso lodaçal, das serpentes que lá haviam e da profundidade. Construía-se aquele lugar aos malfeitores e a fim de se executarem os condenados à morte em toda a Armênia (Legenda de São Gregório, 125).

Embora se discuta o tempo exato que São Gregório permaneceu em *Khor Virap*, porquanto outras fontes afirmam dez, doze, quatorze, quinze anos, o fato é que São Gregório permaneceu por cerca de uma década naquele fosso, sendo sustentado pela misericórdia divina. A narrativa da *Legenda* é mais uma vez construída sob modelo bíblico, desta vez inspirado no relato do Profeta Elias, o qual é sustentado por pães feitos por uma pobre viúva e, depois, no deserto, por pães oferecido por anjos (1Rs 17, 8-17; 19, 5-9). Entretanto, a diferença das situações é um indicativo de que a alusão bíblica é ilustrativa, interpretativa, mas não compromete a veracidade dos eventos narrados.

Num célebre discurso dirigido aos armênios da província romana da Armênia Menor, São João Crisóstomo (A.D. 345/9-407), então Arcebispo de Constantinopla, que vivera algumas décadas após esses fatos, cita o exemplo de São Gregório, o Armênio, o qual, durante todos esses anos em que permaneceu no fosso profundo, ocupou-se num profundo diálogo com Deus, desfrutando das altíssimas comunicações, como antecipação das alegrias celestes.

Apesar da narrativa exuberante, dos modelos bíblicos usados na composição textual, os elementos históricos concordantes são inúmeros e nos possibilitam aceitar a

veracidade histórica dos eventos narrados. A Providência Divina agiu realmente na vida de São Gregório, o Iluminador, de modo portentoso, porquanto, por meio dele, os armênios seriam conduzidos à Luz de Cristo. Sem a graça divina, São Gregório não poderia ter se mantido vivo por tanto tempo em condições tão desumanas. No entanto, ainda que extraordinário, não é algo impossível, porque há relatos ainda hoje de sobreviventes de situações praticamente improváveis. São os mistérios da resistência humana assomada à ação da graça divina.

Entretanto, outras fontes antigas humanizam um pouco a narrativa, deixando-a menos sobrenatural e ainda mais plausível. O sustento de São Gregório em *Khor Virap* se deu por interferência de Khosrovidukht: uns dizem que fora a própria princesa quem, disfarçada, visitava diariamente São Gregório com suprimentos; outros dizem que a mulher que realizava isso estava a mando da Princesa.



Figura 3: Mosteiro de Khor Virap, ao fundo a vista do Monte Ararat. Wikimedia, imagem de domínio público.

CAPÍTULO III: AS SANTAS PROTOMÁRTIRES DA ARMÊNIA

A *Legenda de São Gregório*, nessa altura, recolhe a tradição referente às santas protomártires da Armênia: Hripsimê, Gayanê e suas companheiras. A função narrativa da composição do relato do martírio das santas virgens é preencher o longo espaço temporal desde a condenação de São Gregório até sua libertação e conversão do monarca. Para tanto, tendo como base um núcleo histórico, o autor constrói um enredo ficcional, legendário, com elementos novelísticos da literatura popular helênica, bem ao gosto da época, com imagens literárias inspiradas nos textos sagrados e, ainda que indiretamente, na cultura helenística, com finalidade edificante. O resultado acaba por ser uma excelente interpretação do espírito humano por meio de símbolos e imagens narrativas.

O contexto narrativo são as grandes perseguições anticristãs desencadeadas pelo César Galério, então suplente do Imperador Diocleciano Augusto, ocorridas na primeira década do século IV, entre os anos 303-313 da era cristã, sobretudo no bloco oriental do Império Romano, onde era mais densa a presença cristã e, por essa razão, mais sangrentas.

Anterior em quase um século à *Legenda de São Gregório*, a *Legenda de Santa Nino*, de tradição georgiana, faz menção do martírio das mesmas santas virgens de modo muito mais sóbrio e discreto, sem maiores detalhes, mas com notável densidade de conteúdo. Convém iniciarmos por ela.

No quadragésimo ano, uma mulher de origem real chamada Ripsimia fugiu por algum motivo junto com sua nutriz. Consigo havia uma bela cativa, chamada Nino, cuja história causou interesse à Rainha Helena. Nino era uma patrícia romana, a qual operava milagres no decorrer do percurso até chegar à Grécia, conduzindo sempre a nobre Ripsimia. Ao fugirem para o mar, Ripsimia, Gayanê, Nino e outras com elas, chegaram às fronteiras da Armênia, território governado pelo Rei Tirídates, onde sofreram o martírio.

Podemos abstrair daqui o seguinte: Ripsimia (Hripsimê) e Nino eram mulheres nobres, a primeira uma princesa real (sempre acompanhada com sua nutriz), a segunda

uma patricia romana. O nome “Nino” deriva do latim cristão *nonna*, “monja”. Acresce-se que a qualificação de “cativa” não quer dizer que fosse prisioneira, como o contexto não sugere, mas uma alusão à expressão latina *cativa Dei*, “cativa de Deus”, dado às virgens que se consagram a Cristo. Não diz exatamente de onde elas fogem, nem o motivo, ao qual refere-se laconicamente “fugiu por algum motivo”. Ripsimia é um nome de origem grega (Hripsimê é sua transliteração armênia). Estão acompanhadas por outras damas, entre as quais se nomeia Gayanê, e sofrem o martírio na Armênia sob o Rei Tirídates. Gayanê é forma grega do nome romano Gaia.

Na *Legenda de São Gregório*, as damas são apresentadas como membros de uma comunidade monástica romana cuja abadessa é exatamente Gayanê. Hripsimê é descrita como uma belíssima jovem notavelmente virtuosa. Nino não aparece, pertencendo à tradição georgiana (em sua legenda é Nino de quem se afirma a beleza, porém, de modo sóbrio). Os motivos da fuga são descritos com elementos típicos dos contos eróticos populares: o Imperador Diocleciano desejando casar-se, toma conhecimento de Hripsimê, uma princesa real que habitava um mosteiro em Roma. Ao conhecê-la, apaixonou-se perdidamente em razão de sua extrema beleza. Criou-se, então, uma situação extremamente delicada à santa virgem: o dilema entre a perigosa recusa do Imperador e a fidelidade à sua consagração virginal ao Senhor Jesus Cristo. Diante desse fato, a Abadessa Gayanê e toda a comunidade decidiram fugir de Roma.

As grandes heroínas bíblicas, Ester, Judite, Suzana, são tomadas como modelos narrativos para a construção da imagem de Santa Hripsimê, mas também santas mártires como Santa Cecília, Santa Inês e Santa Ágata. Alguns autores atribuem uma certa relação histórica com a mártir síria Santa Febrona. Ao longo da narrativa encontrar-se-á muitas orações de Santa Hripsimê e da Abadessa Santa Gayanê, nos moldes do *Livro de Ester*.

Logo na ocasião da fuga, a *Legenda de São Gregório* coloca na boca de Santa Hripsimê uma longa oração, na qual pede proteção a Deus num contexto de uma belíssima profissão de fé e de total confiança na divina Providência. Eis o início dela:

“Senhor dos senhores, Deus dos deuses, Deus eterno, Deus do céu, Deus de inefável luz, que estabeleceste todas as coisas por seu Logos, que fez o céu e a terra ordenando-os todos; que criastes a carne do homem a partir da terra modelando-o com sabedoria e estabelecendo-o como cultivador da

terra e tornando-se para cada um sustentáculo de salvação; neste momento de angústia, dirijo-me a Vós, Senhor, na esperança de salvar-me daquilo que nos oprime e que possamos superar as ciladas e embustes da Satã” (Legenda de São Gregório, 144-145).

Ao tomar conhecimento da fuga, Diocleciano informa o Rei Tirídates pedindo que a enviasse de volta a ele. No entanto, ao encontrá-las o monarca arde de paixão ao ver a formosura de Hripsimê que a deseja possuí-la como esposa. Diocleciano, sabendo disso, acaba por desistir de Hripsimê deixando as virgens ao critério de Tirídates. Ordena, então, que Hripsimê fosse conduzida ao palácio e preparada aos esponsais. Hripsimê invoca o auxílio de Cristo. No decorrer da narrativa, a *Legenda de São Gregório* coloca na boca de Hripsimê e Gayanê preces na linha de Ester, Suzana e Mardoqueu, como esta que se segue de Hripsimê:

“Senhor dos exércitos, vós que sois o verdadeiro Deus; vós que dividistes o mar Vermelho e fizeste o povo passar através dele a pés enxutos; vós que tirastes água fecunda de uma pedra estéril e destes de beber a todo o povo; vós que tirastes do ventre do animal o vosso servo Jonas fazendo-o experimentar o vosso poder etc” (Legenda de São Gregório, 179).

Após as festividades núpcias, a santa monja é levada à câmara nupcial a fim de esperar pelo Rei para consumar a união. A *Legenda de São Gregório* faz uma descrição vivaz do que ocorreu. Quando o Rei Tirídates entra nos aposentos, agarra Hripsimê a fim de satisfazer seus desejos libidinosos. A santa virgem é tomada de uma fortaleza excepcional provinda do Espírito Santo. Ela resiste ao Rei e “luta como uma fera e combate como um guerreiro”. Persegue, domina e lança ao chão o monarca já exaurido. Arranca-lhe as vestes reais, rasgando-as, deixando-o nu e coberto de vergonha, porquanto vencera inúmeras batalhas, agora é vencido por uma donzela. Embora Hripsimê saíra com suas vestes em trapos, sai vitoriosa por conservar sua virtude e pureza virginal.

A decisão do Rei Tirídates é fatal: todas as monjas devem ser sentenciadas. De fato, sofreram honrosamente o martírio em nome de Cristo, exceto Nino, que consegue escapar a fim de se converter em Apóstola da Geórgia:

Nino, porém, escapou e dirigiu-se à montanha do Norte. Chegou ao Rio Kura, seguindo seu curso até a grande cidade de Mtsqueta, a residência do Rei. Demorou-se ela ali por três anos. Pregava ocultamente num lugar coberto por silveiras, fabricou com os ramos um sinal da cruz e permaneceu a pregar.

Como dito, trata-se de uma construção ficcional ao modo dos contos eróticos populares com a finalidade de contextualizar e dar um enredo ao martírio das santas virgens romanas na Armênia, tudo com intenções de edificação espiritual propondo modelos de virtude. As razões da fuga certamente estão ligadas às perseguições. O caso de São Gregório deixou o Rei Tirídates de alerta à presença cristã na Armênia, o que fez que se tornasse inútil uma fuga para lá, onde pareceria seguro, já que não pertencia também ao Império persa, onde cristãos eram também perseguidos.

O arrebatamento passional de Diocleciano e de Tirídates são um tanto inverossímeis, dado a idade avançada do Imperador, pouco provável a aventuras amorosas do nível, e a condição de casado do Rei Tirídates III com a Rainha Ashkhen, curiosamente não mencionada pela *Legenda de São Gregório*, certamente em vista de dar espaço à narrativa de Santa Hripsimê. Por isso, não estamos obrigados a datar o martírio das santas virgens durante o império de Diocleciano (A.D. 284-305), mas posterior ao aprisionamento de São Gregório (A.D. 303/304), segundo sugerem a maioria dos especialistas, no decorrer do recrudescimento das perseguições no leste do Império, cerca dos anos 311/312.

Embora a *Legenda de São Gregório* não mencione, é compreensível entender o quanto o caso de São Gregório provocou uma grande decepção e amargura ao Rei Tirídates, indispondo-o passionalmente contra os cristãos de modo muito mais tempestivo, cujo martírio cruel das santas virgens foi um terrível exemplo. Isso causou também uma situação de tensão à Rainha Ashkhen e à Princesa Khosrovidukht. Criou-se provavelmente uma situação insuportável na corte real. Isso é descrito em imagens impressionantes, inspiradas no *Livro de Daniel*.

O jovem monarca mudara, convertendo-se numa criatura amarga e cruel, metamorfoseou-se num verdadeiro monstro. A *Legenda de São Gregório* descreve na imagem de uma punição divina o atingindo. Ao ser golpeado por um demônio, o monarca caiu de sua carruagem por terra.

“E, então, ele começou a delirar e a devorar a sua própria carne. Como Nabucodonosor, Rei da Babilônia, perdeu sua natureza humana e adquiriu a de um javali, passando a viver entre eles, e habitando em um lugar cheio de juncos, em completo abandono; ele pastou na grama e rolou nu sobre a campina” (Legenda de São Gregório, 212).

“Pois todo o seu corpo tornara-se peludo, em seus membros cresceram pelos semelhantes aos dos grandes javalis. As unhas de suas mãos e pés endureceram-se como as garras das feras que cavam a terra ou alimentam-se de raízes. Do mesmo modo, a aparência de sua face transformou-se a semelhança de um teso focinho de um animal que vive em meio aos juncos. Em razão da natureza de seu modo de vida semelhante à de uma fera, ele decaiu da honra de seu trono e vagueava semelhante a feras pastando entre os animais nos juncos, perdido à sociedade dos homens” (Legenda, 727).

Não é o caso aqui, como já se tem sugerido, que o monarca teria sido atingido por licantropia. Ainda mais que esta consiste numa patologia irreal, fundada mais em credices populares que propriamente em realidades cientificamente demonstradas, como é o caso do lobisomem. Como já se disse, é uma narrativa inspirada no *Livro de Daniel*, como o próprio texto sugere, em relação ao Rei Nabucodonosor: “Ele foi expulso da convivência dos homens; comeu ervas como os bois; seu corpo foi banhado pelo orvalho do céu; seus cabelos crescerem como penas de águia e suas unhas como garras de pássaros” (Dn 4, 12-13).

Não há dúvida que a *Legenda* é mais impressionante e mais bruta. Em imagens, ela expressa a doença do espírito, a crueldade do Rei o transforma numa fera selvagem. Essa imagem narrativa é muito comum na literatura antiga e medieval. Tendo o seu corpo transformado em um corpo de animal, simbolizando a sua degradação moral, perdendo a

condição humana, só poderá reencontrá-la quando se converter em alguém melhor. Nos mitos antigos, o mais representativo é a obra de Apuleio, *Metamorfoses* ou *O Asno de ouro* e, mais próximo de nós, o conto *Bela e a Fera*, fundado no mito de *Eros e Psique*, o qual está na citada obra de Apuleio, na qual o príncipe é castigado por uma feiticeira sendo transformado numa fera como consequência de seus atos. Sua libertação seria possível somente se uma jovem inocente conseguisse perceber a sua dignidade humana por trás de sua aparência e correspondesse com amor.¹³

A *Legenda* acresce ainda que toda a população da cidade é tomada pelo mesmo demônio, perdendo o juízo. É uma referência ao pecado da idolatria e do paganismo que acomete os armênios – pensemos nos ritos orgíacos à Anahit – e se expressa nas condenações de São Gregório e das Santas Protomártires. Exceto uma pessoa, Khosrovidukht, a irmã do Rei Tirídates, pelo fato de seu coração estar voltado à fé de Cristo.



Figura 4: São Gregório entre as santas Ripsimia e Gayanê

¹³ Cf. VILLENEUVE, *La Belle et la Bête*. Paris: Éd. Gallimard, 2010.

CAPÍTULO IV: A CONVERSÃO DOS ARMÊNIOS

Não há de se ignorar que a mudança do Rei Tirídates e sua conversão é algo um tanto complexo. Não se pode ser reduzido a um único fator, geralmente como os historiadores contemporâneos colocam como sendo uma questão meramente política, o que seria muito simplista. Não há dúvida que interferiram nisso a influência de Khosrovidukht e da Rainha Ashkhen. Os sentimentos mais profundos de Tirídates estavam abalados. Por outro lado, as mudanças no Império Romano, com o novo Imperador Constantino, abriam uma nova condição favorável aos cristãos.

O contexto histórico da conversão da Armênia, como dito, está intrinsecamente relacionada com as mudanças políticas do Império Romano. Entre os anos 305-313, após a abdicação de Diocleciano, o Império entra numa verdadeira guerra civil entre os diversos pretendentes ao trono imperial. Por fim, Constantino e Licínio dividem o poder, governando respectivamente as partes ocidental e oriental do Império Romano. No ano 313, Constantino impõe a Licínio a aplicação do Edito de tolerância religiosa de Galério (A.D. 311), beneficiando os cristãos, os quais, por sinal, são numerosos no Oriente. É nessa situação que o Reino da Armênia adota o cristianismo.

A *Legenda de São Gregório* coloca a princesa Khosrovidukht como protagonista da mudança. Conforme a narrativa, a princesa real começou a ter constantes visões nas quais eram-lhe reveladas que somente Gregório, o prisioneiro, poderia livrar o monarca e a nação da insanidade que acometera a todos.

Naquela altura dos fatos, apareceu uma visão proveniente de Deus à irmã do Rei, cujo nome era Khosrovidukht. Ela, então, dirigiu-se ao povo e relatou a visão, dizendo: “Uma visão me apareceu nesta noite: um homem semelhante à luz veio ter comigo e disse-me: ‘Não há outra cura a estes tormentos que vos sobrevieram, a não ser que envieis um mensageiro à cidade de Artaxat e, de lá, traga o prisioneiro Gregório. Quando este vier, ensinar-vos-á o remédio para os vossos males’” (Legenda de São Gregório, 214).

Os cortesãos consideravam tudo isso um desvario e não davam crédito à Khosrovidukht. Gregório era considerado morto e reduzido a cinzas. A princesa real, então, os desafia a irem a *Khor Virap* conferir se Gregório estava mesmo morto. Para a surpresa de todos, Gregório é encontrado vivo depois de uma década vivendo naqueles condições insalubres, fato considerado prodigioso. O seu retorno foi por todos considerado um sinal celeste. A narração de sua saída do fosso profundo foi construída com elementos do relato bíblico da ressurreição de Lázaro (Jo 11, 1-44). Isso causou um forte impacto em toda a população. Era o início da conversão.

São Gregório é levado à presença de Khosrovidukht, cuja ansiedade era imensa de vê-lo e rogar-lhe a cura espiritual de seu irmão, o Rei Tirídates. No dia seguinte, o monarca, os cortesãos e o povo do lugar apresenta-se a Gregório demonstrando arrependimento e desejo de cura. Na sequência, a *Legenda de São Gregório* constrói sua narrativa seguindo todas as etapas do rito da iniciação cristã, ou seja, do rito de iluminação, como então se dizia. Iniciando por uma primeira pregação de São Gregório ao povo como uma exortação a abandonarem a vida que até então levavam a fim de se converterem a Cristo (querigma). A *Legenda de São Gregório* narra do seguinte modo a conferência dada pelo Santo:

“Congregaram-se uma inumerável afluência de homens, empurrando-se uns aos outros e sentando-se como num banquete a fim de prestarem atenção ao ensino. Era imensa a multidão, congregada em grande quantidade provinda de longe, com disposição de ver e escutar os estupendos prodígios da Divindade. Congregaram-se homens, mulheres e crianças, cada qual vindos de uma província, movidos pelo temor sagrado ao poder do Criador; submeteram-se e creram. Apressaram-se a ver os incontestáveis prodígios; com prazer, prestavam atenção às proveitosas admoestações da vivificante pregação da Palavra da Vida (cf. Fl 2,16) do Evangelho. O Rei e a nobreza reconheceram toda a doutrina e apressaram-se a realizar tudo o que convinha a Gregório ordenar” (Legenda de São Gregório, 725).

A construção dessa narrativa é claramente inspirada nos textos evangélicos, no que se refere às pregações de Jesus às multidões provindas de várias regiões da terra de

Israel a fim de escutarem e testemunharem os prodígios realizados por Jesus. A aceitação do conteúdo da doutrina cristã é condição essencial para a cura do rei e de todo o povo. Porquanto a salvação vem pela fé. A narração da cura é descrita com elementos do rito do exorcismo que precede o batismo:

Então, quando se congregou todos no lugar do culto da Habitação de Deus, o bem-aventurado Gregório começou a falar, dizendo: “Dobrai todos os vossos joelhos, a fim de que o Senhor possa realizar a cura de vossos tormentos”. Todos se ajoelharam voltados para Deus e o bem-aventurado Gregório, com fervorosas preces e lacrimosas súplicas, implorou a cura do Rei. O Rei, enquanto permanecia em meio ao povo com a aparência de um suíno, subitamente tremulou e despiu rapidamente de seu corpo a pele semelhante à de um suíno, com seus dentilhões semelhantes a presas e sua face semelhante à um focinho e livrou-se da pele com sua pelagem semelhante à de um suíno. Sua face retornou à sua própria forma e seu corpo tornou-se macio e juvenil como aquele de uma criança recém-nascida; curou-se completamente em todos os seus membros (Legenda, 773).

Como no rito pré-batismal, todos se voltam ao Oriente (a Deus), dando as costas ao demônio, com fórmulas de renúncia ao pecado e ao mau. O exorcismo é simbolizado pela cura do monarca e, conseqüentemente, de todo o povo.

Após a cura miraculosa, que deveria ser completada no batismo, toda a nação manifesta o desejo de receber o batismo. Quando comprova que estão dispostos a receber a graça do Senhor, ordena à corte e ao povo jejuarem pelo espaço de sessenta dias, a fim de clamarem pela misericórdia de Deus sobre Tirídates e sobre todo o reino. Cumprido o tempo de penitência, os prepara ao Batismo (catecumenato). Igualmente ordena que sejam trazidas as relíquias das santas virgens mártires a fim de serem colocadas em um lugar adequado para serem veneradas.

Gregório considera o povo preparado para o rito da iluminação. Deseja chamar o grande Metropolita da Capadócia, São Leôncio, para ministrar o solene rito. No entanto, o monarca e os principais da corte insistem para que ele seja nomeado bispo, porquanto

foi ele o instrumento de Deus para a conversão deles. Gregório resiste humildemente, pede para refletir e retira-se ao deserto por alguns dias a fim de consultar a Deus pela oração. Durante a primeira noite de solidão, um anjo o conforta e anima a assumir a cura espiritual daquele povo como sacerdote e bispo. Tirídates também tem uma visão similar envia uma missiva ao grande Metropolita na qual conta-lhe todo o ocorrido e o deseja da nação de que Gregório seja seu bispo. A missiva é enviada a São Leôncio com membros da corte e o próprio Gregório.

O Grande Metropolita Leôncio, conhecedor dos méritos de Gregório, bendiz a Deus pela conversão dos armênios e procede à ordenação episcopal. Isso ocorreu durante um sínodo episcopal regular, convocado em Cesareia por Leôncio, cujas atas e cânones estão conservados de modo que podemos facilmente datar sua realização no ano 314.¹⁴

Após receber o episcopado, São Gregório Partev retornou à Armênia, acompanhado de sacerdotes e diáconos recrutados de Cesareia e da Armênia Menor, dirigindo-se a Bagawan a fim de encontrar-se com o Rei, a Rainha, a corte, o exército e um grande concurso de pessoas. Permanecendo neste mesmo lugar durante um mês, para um ensinamento assíduo, acompanhado de jejuns, de preces e vigílias.

Como era costume, a catequização se dava a partir de um comentário da fórmula de um *símbolo batismal* (isto é, um “credo”), na qual continha uma súplica dos artigos fundamentais da fé cristã. Chegou até nós, um pequeno símbolo batismal armênio, o qual provavelmente deve ter sido o mesmo usado por São Gregório e pela Igreja armênia, ao menos no século IV. Eis a seguir a fórmula de fé:

Cremos na Santíssima Trindade: no Pai, Filho e Espírito Santo; na anunciação de Gabriel; na concepção de Maria; na natividade de Cristo; no batismo; na paixão voluntária; na crucifixão, nos três dias de sepultura, na bem-aventurada ressurreição; na ascensão deiforme; no assentar-se a direita do Pai; no terrível e glorioso advento (parusia ou vinda de Cristo no fim dos tempos).

¹⁴ PIETRI, Ch., *op. cit.*, p. 122; MARAVAL, P. “Le Nuove frontiere”, in: AAVV. *Storia del Cristianesimo*, *op. cit.*, p. 876; NERSESSIAN, V. *Treasures from the Ark. 1700 years of Armenian Christian Art* (com apresentação do Catholicos Karekin II). Los Angeles: The British Library Board, 2001, p. 19-20.

Ao chegar o dia prefixado, Gregório desce às margens do Rio Eufrates, com seu clero, e realiza solenemente o rito da iluminação. Unge-os com o “óleo da unção”, derramando-se ali nas águas do rio que então param de fluir, pois batiza cada uma das pessoas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, por uma tríplice imersão efetuada sobre a pressão da mão direita. Os batizados, os quais estavam antes despidos, revestem-se então com uma veste branca e, ao canto de salmos e hinos, entram com alegria na igreja a fim de participarem dos Santos Mistérios e receber o Corpo e o Sangue do Salvador.¹⁵

Também o batismo é narrado com descrições de sinais portentosos os quais aludem, de modo livre, a passagens bíblicas, como a passagem do povo hebreu pelo Mar Vermelho, e o Batismo de Jesus:

Quando todo o povo e o Rei desceram ao batismo nas águas do Rio Eufrates, um maravilhoso sinal foi revelado por Deus: as águas do rio pararam e, então, retrocederam novamente. Uma luz resplandecente apareceu semelhante a um reluzente pilar, pairando sobre as águas do rio e acima havia algo semelhante à Cruz do Senhor. E a luz brilhou de tal modo que obscureceu e enfraqueceu os raios do Sol. O óleo da unção que Gregório verteu sobre o povo pairou ao redor deles no rio. Todos maravilharam-se e elevaram bênçãos à glória de Deus. Ao cair da tarde, o sinal desapareceu e eles retornaram à cidade. Os que foram batizados naquele dia eram em média cento e cinquenta mil pessoas do exército real (Legenda, 833).

A narrativa do batismo coloca uma questão curiosa: apresenta a unção crismal antes do batismo e não depois, como é costume na tradição das Igrejas do Oriente. Curiosamente a sua ordem ritual um tanto inusitada corresponde a aquela apresentada por São João Crisóstomo (ca. 390) em suas catequeses batismais e nas homilias de Santo Efrem (A.D. 306-373), o Sírio, demonstrando que o modo do rito da iluminação (iniciação cristã) apresentada na *Legenda de São Gregório* corresponde a um modo muito arcaico do ritual.¹⁶

¹⁵ Cf. RENOUX, Ch. (introdução e comentários), *Initiation chrétienne 1. Rituels arméniens du baptême*. Paris: Le Cerf, 1997, p. 2-3.

¹⁶ Idem, p. 3-4. A unção crismal pós-batismal apareceria somente em fins do séc. IV por determinação do Sínodo de Laodiceia.



Figura 5: o Batismo da Armênia, de Ivan Konstantinovič Ajvazovskij (1892), Imagem de domínio público.

CAPÍTULO VI: CONSUMAÇÃO, LENDAS E TRADIÇÕES

São Gregório, o Iluminador, foi o guia espiritual do Reino da Grande Armênia por uma década. Por fim, no ano 324, já idoso, ao menos aos padrões da época, abdica de seu episcopado e nomeia como sucessor o seu filho mais novo, Aristakes, o qual já colaborava com o pai na condição de bispo-coadjutor. Nesse ano, Constantino vence Licínio numa batalha e torna-se o único Imperador da totalidade do Império Romano. No ano seguinte, o Imperador Constantino convoca o Concílio de Niceia. São Gregório e o Rei Tirídates enviam Aristakes como representante da Igreja armênia no Grande Concílio. Desse modo, ele leva à sua Igreja as decisões e os cânones do Grande Concílio de Niceia (A.D. 325), os quais serão aplicados, especialmente as definições dogmáticas expressas no *Símbolo de Niceia*, cujo texto dispomos a seguir em sua versão original em grego com nossa tradução em português:

Πιστεύομεν εἰς ἓνα θεόν πατέρα παντοκράτορα, πάντων ὁρατῶν τε καὶ ἀοράτων ποιητὴν καὶ εἰς ἓνα κύριον Ἰησοῦν Χριστόν τὸν υἱὸν θεοῦ τὸν γεννηθέντα ἐκ τοῦ πατρὸς μονογενῆ τουτέστιν ἐκ τῆς οὐσίας τοῦ πατρὸς θεὸν ἐκ θεοῦ φῶς ἐκ φωτός θεὸν ἀληθινὸν ἐκ θεοῦ ἀληθινοῦ γεννηθέντα οὐ ποιηθέντα ὁμοούσιον τῷ πατρὶ διὸ οὐ τὰ πάντα ἐγένετο τὰ τε ἐν τῷ οὐρανῷ καὶ τὰ ἐν τῇ γῆ τὸν δι᾽ ἡμᾶς τοῦς ἀνθρώπους καὶ διὰ τὴν ἡμετέραν σωτηρίαν κατελθόντα καὶ σαρκωθέντα ἐνανθρωπήσαντα παθόντα καὶ ἀναστάντα τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ καὶ ἀνελθόντα εἰς τοὺς οὐρανοὺς ἐρχόμενον κρῖναι ζῶντας καὶ νεκρούς καὶ εἰς τὸ ἅγιον πνεῦμα τοὺς δὲ λέγοντας ἦν ποτε ὅτε οὐκ ἦν καὶ πρὶν γεννηθῆναι οὐκ ἦν καὶ ὅτι ἐξ οὐκ ὄντων ἐγένετο ἢ ἐξ ἑτέρας ὑποστάσεως ἢ οὐσίας φάσκοντας εἶναι ἢ τρεπτὸν ἢ ἀλλοιωτὸν τὸν υἱὸν τοῦ θεοῦ τούτους ἀναθεματίζει ἡ καθολικὴ καὶ ἀποστολικὴ ἐκκλησία

Cremos em um só Deus Pai Onipotente, o qual fez todas as coisas visíveis e invisíveis;

e em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado unigênito pelo Pai, isto é, da essência do Pai; Deus gerado por Deus, Luz emanante da Luz, Deus verdadeiro gerado por Deus verdadeiro; gerado, não criado, coessencial ao Pai; por quem todas as coisas vieram a existir, as que estão nos céus e as que estão na terra; o qual, por nós, seres humanos, e por nossa salvação, desceu e encarnou-se, tornou-se homem; padeceu, ressuscitou ao terceiro dia e ascendeu aos céus (donde) há de vir (para) julgar os viventes e os mortos; e (cremos) no Espírito Santo; porém, os que dizem: “havia um tempo no qual ele não existia” ou “antes de haver sido gerado ele não existia” ou que ele veio a existir a partir daquilo que não existia, ou de uma outra substância ou essência, ou os que afirmam que o Filho de Deus é susceptível de mudança ou de alteração, a estes anatematiza a Igreja católica e apostólica.

Depois desses acontecimentos, São Gregório retira-se para a vida contemplativa, vivendo como eremita nas proximidades do Monte Sebu. Não sabemos muito acerca de seus últimos dias. Muitas lendas se criaram sobre ele em relação a esse período de sua vida. Entre outras, há esta singela lenda referente à “Lâmpada do Iluminador”, a qual se encontra no Monte Aragats. Conta-se que estavam juntos Gregório e Tirídates. Este abaixou a sua espada e, na sequência, São Gregório a toma e lança na direção dos montes de Sebu. Em meio ao seu voo, a espada se transforma numa cruz brilhante, próxima do Aragats, convertendo-se em seguida numa lâmpada sustentada sem corda. Esta é a “Lâmpada do Iluminador” que fica pendurada sem corda acima dos quatro picos do Monte Aragats, considerado a segunda montanha mais alta das terras altas da Armênia. Isso originou o nome da região em torno do Aragats, chamada de Aparan, do armênio *an*, “sem”, e *paran*, “corda”.



Figura 6: Mosaico de São Gregório, o Armênio, do séc. VI, na igreja bizantina de Pammakaristos, em Constantinopla (Istambul), hoje mesquita de Fethiye. Wikimedia, imagem de domínio público.





Figura 8: Santa Khosrovidukht, Princesa da Armênia

BIBLIOGRAFIA

- AGATHANGELOS, *History of the Armenians*. Albany: State University of New York Press, 1976.
- ANTUNES, S. P. *Introdução ao Universo Armênio*. São Paulo: Sesamo, 2012.
- ARTZROUNI, A. *História do Povo Armênio* (apresentação do Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula – USP). São Paulo: Comunidade da Igreja Católica Apostólica Armênia do Brasil, 1976.
- CHAHIN, M. *The Kingdom of Armenia: a History*. Routledge, 2001.
- CLINE, E. H. *Impérios Antigos. Da Mesopotâmia à origem do Islã*. São Paulo: Madras, 2012.
- COSTA, A. C. *Títulos de nobreza e hierarquias*. São Paulo: Draco, 2016.
- DI BERARDINO (org.) *Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*, 3 vols.. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 2008.
- DODGEON, M. H. e LIEU, S. N. C. *The Roman Eastern Frontier and the Persian Wars (Part I, 226-363 A.D.)*. Londres: Routledge, 2002.
- GARSOÏAN, N. *L'Armenia*. Borla: Città Nuova, 2000.
- GOLDSWORTHY, A. *O Fim do Império Romano*. Lisboa: A esfera dos livros, 2010.
- GROUSSET, R. *Histoire de L'Arménie. Des origines a 1071*. Paris: Payot, 1947.
- HACYKIAN, A. J. (coord.), *The Hereditage of Armenian Literature I: From the Oral Tradition to the Golden Age*. Detroit: Wayne State University Press, 2000.
- KURKJIAN, V. M. *A History of Armenia*. Los Angeles: Indo-European Publishing, 2008.
- LECLERCQ, J. *O amor às letras e o desejo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2012.
- MARAVAL, P. *La nuova fronteira: L'Amênia*. Borla: Città Nuova, 2000.
- NERSESSIAN, V. *Treasures from the Ark. 1700 years of Armenian Christian Art*. Los Angeles: The British Library Board, 2001.
- PIETRI, Ch. *La nuova Geografia: l'Oriente*. Borla: Città Nuova, 2000.
- RATZINGER, J. *Fé, verdade e tolerância. O cristianismo e as grandes religiões do mundo*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2000.
- _____. *Obras Completas I: Pueblo y casa de Dios en la doctrina de San Agustín sobre la Iglesia*. Madrid: B.A.C., 2015.
- SOTOMAYOR, M. y UBIÑA, J. F. *Historia do Cristianismo I: El Mundo Antigo*. Madrid: Ed. Trotta, 2011.
- VAN SETERS, J. *Em busca da História. Historiografia no mundo antigo e as origens da historiografia bíblica*. São Paulo: Edusp, 2008.